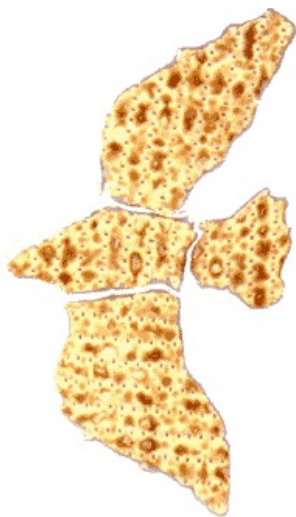


Hagadá de Pessach Cultural Humanista

הגדה של פסח





Introduzindo...

O seder de Pessach nada mais é do que uma grande sicha, ou seja, um diálogo construtivo, com um fundo altamente educacional. Com o objetivo de relembrar uma história e passar seus valores, a hagadá conduz a uma noite agradável: com canções, metáforas, comida e até mesmo na forma de brincadeiras ela transmite todo seu conteúdo, através de uma linguagem fácil para as crianças, sem perder sua essência e complexidade.

Esta mesa em torno à qual nos reunimos, esta mesa com as matzót e com as ervas amargas, esta mesa de Pessach com sua toalha imaculada, esta mesa não é só uma mesa; é a mágica embarcação que nos leva nessa noite pelos caminhos passados pelo povo judeu, em busca das memórias de nosso povo, homens e mulheres que sorriam e choravam como nós, porém por razões diferentes.

Por que nosso povo foi escravizado no Egito? Na Torá, conta-se que os dois povos viviam juntos em paz até a morte de Iossef e sua família. Então, subiu ao poder um Faraó que não conhecia Iossef, ou seja, não conhecia os judeus, e, portanto, se sentiu ameaçado por eles, e assim os escravizou.

Como podemos interpretar essa mensagem para a atualidade? Ao desconhecer o outro, o tememos, nos afastamos dele, e então cria-se um conflito. Somente sendo aberto às diferenças, enxergando o outro como igual e assim garantindo sua liberdade é que poderemos atingir a verdadeira paz.

A esta mesa sentemo-nos pois. Somos muitos nesta noite. Somos os que estão, os que já se foram e os que gostariam de estar; somos nós mesmos e somos também nossos antepassados.

Olhemos a matzá que está sobre a mesa, este é o pão da pobreza

que comeram os nossos antepassados na terra do Egito. Quem tiver fome – e são muitos que passam fome nos dias de hoje, como devemos nos recordar- que venha e coma. Quem estiver necessitado –e são muitos os necessitados neste mundo que vivemos- que venha e celebre conosco Pessach.

*O deserto que hoje temos de atravessar não é uma extensão de areia estéril, calcinada pelo sol implacável. É o deserto da desconfiança, da hostilidade, da alienação de seres humanos. Para esta travessia temos de nos munir das reservas morais que temos, das poucas e simples verdades que constituem o povo que fazemos parte, não mais somente o povo hebreu, mas também o povo humano, que também fazemos parte. **Ama teu próximo como a ti mesmo.** Reparte com ele teu pão, convida-o para mesa, ajuda-o a atravessar o deserto de sua existência.*

Kehará

Betsá- O beitzá (ovo cozido com casca chamuscada) simboliza a destruição do Templo, mas, ao mesmo tempo, a esperança da sua reconstrução.

Zerôa- O Zerôa (pescoço de galinha para os ashkenazim e pedaço de braço de cordeiro para os sefaradim) representa o sacrifício que era feito no Antigo Templo. Zerôa quer dizer braço e nos lembra da mão forte de Deus ao tirar o povo judeu do Egito ou também pode ser visto como um símbolo da força dos escravos hebreus no Egito; representa o Corban Pessach (sacrifício de cordeiro oferecido na véspera de Pessach).

Carpás- Por fim, o Karpás (normalmente batata cozida). Este é mergulhado em água salgada, que seriam as lágrimas derramadas de tristeza pela escravidão. O Karpás pode ter vários significados: relembra o massacrante trabalho no Egito; os aperitivos desfrutados pelas pessoas livres na Antiguidade; além disso, o vegetal nos lembra do renascimento das plantas, já que Chag Ha'Pessach é também conhecido como Chag Ha'Aviv (Festa da Primavera). Assim, para além das lágrimas, lembramos do reflorescimento da primavera. Portanto, é importante que após todo sofrimento venha a esperança, pois caso contrário ficaremos estancados no trauma, sem prosseguir com a vida. O Karpás nos lembra o quão importante é transformar as feridas em marcas, para poder seguirmos em frente vivendo.

Tapúz- Muitas famílias e congregações começaram a adicionar a laranja à Keará, como uma forma de reconhecer o papel da mulher na vida judaica. A Professora Susannah Heschel adaptou uma prática iniciada na Comunidade Judaica da Oberlin College (que também sugeria a laranja como símbolo da solidariedade com os gays e outros grupos marginalizados

na comunidade judaica), e pedia para que cada um comesse uma parte da laranja. *Costuma-se cuspir os caroços da laranja para demonstrar repúdio às pessoas que marginalizam as outras. A laranja é a fruta escolhida por possuir vários gomos, assim como o judaísmo possui diversos tipos.*

Marór- O Maror (raiz forte ralada) também nos faz lembrar da amargura da escravidão. Rabbi Shneur Zalman comentou a respeito desta prática: “para melhorarmos a nós mesmos, devemos agir de maneira similar à ingestão do marór, devemos dedicar tempo para meditar profundamente sobre nossas faltas até que venham as primeiras lágrimas. ”

Charósset- O Charósset (pasta de nozes e maçãs raladas) simboliza a argamassa na qual trabalhavam nossos antepassados no Egito.

Após a leitura percebe-se que essas 6 representações são, em sua maioria, lembranças de momentos tristes da história judaica. Assim, surge a dúvida: por que não há representações da passagem para liberdade, momentos de felicidade? Afinal esse não é um dos significados de Pessach - a festa da liberdade?

Um poema de reflexão...

Recomeçar

“Mesmo que o hoje te dê um não, lembre-se que há um amanhã melhor, a certeza de que os nossos caminhos devemos traçar ao lado de quem nos ama; com amor, paz, confiança e felicidade, é a base para se recomeçar.

Um recomeço, pra pensar no que fazer agora, acreditando em si mesmo, na busca do que será prioridade daqui pra frente; PLANOS? Pra que os fizemos, já que o amanhã é mistério? A qualquer momento pode ser tempo, de revisar os conceitos e ações, e concluir, que tudo aquilo que você viveu marcou, porém não foi suficiente pra que continuasse.

As lembranças passadas ficam, tudo que vivemos era pra ser vívido, o destino é como um livro do qual nós somos os autores, ele não vêm pronto; antes de nascermos ele está em branco; ao nascermos introduzimos as primeiras passagens, um começo, com o tempo através das escolhas vamos escrevendo-o página por página, rabiscadas, rasgadas ou marcadas, onde encontramos obstáculos onde indicarão a melhor hora pra recomeçar, nos últimos dias de vida concluiremos, e no final deixamos nossas histórias marcadas no coração daqueles, que sempre farão parte de nossa história, onde quer que estejam.

Recomeçar é dar uma nova chance a si mesmo, é renovar as esperanças na vida e o mais importante, acreditar em você de novo. ”

Carlos Drummond de Andrade

O primeiro copo de vinho...

O segundo copo...

Terceiro copo...

Quarto e último copo...

Faraós e escravos...

Nessa festa devemos lembrar a fome, o cansaço, o suor, o sangue, as lágrimas. Lembremos o desamparo dos oprimidos diante da arrogância dos poderosos. Lembramos com alívio: é o passado; lembramos também com tristeza: é o presente.

Ainda existem Faraós e ainda existem escravos.

Os Faraós modernos não constroem mais pirâmides, mas sim estruturas de poder e império financeiros ou políticos. Os Faraós modernos já não usam o chicote, eles submetem corações e mentes mediante a técnicas sofisticadas.

Seus escravos se contam aos milhões, neste mundo em que vivemos. São os escravos na Índia, os poetas que, na Coreia do Norte, não podem publicar seus versos; os imigrantes na Europa que estão submetidos ao trabalho pesado e a hostilidade de grupos fascistas; são os curdos que tentam proclamar seu próprio território, o Curdistão; são mulheres, jovens e homens submetidos ao regime do Estado Islâmico; os miseráveis da região do Sahel na África e do nordeste brasileiro, as populações indígenas lentamente exterminadas; os operários explorados e os chineses importados da China para trabalhar como escravos em outro país.

Para estes, ainda não chegou o final do deserto, estes ainda não encontraram sua liberdade e paz; para eles, a vida é tão amarga quanto o Maror; esta noite nós nos lembramos deles e com eles, em nossas imaginações, repartimos um pedaço de nossa matzá.

Não sejas o ingênuo, que ignora os dramas de seu mundo.

Não sejas perverso, que os conhece, mas nada faz para mudar a situação, nem mesmo pensar a respeito.

Pergunte, pergunte tudo o que queres saber, pois, afinal, a dúvida é o caminho para o conhecimento.

Com o fim da leitura pode-se ou não antes de quebrar da matzá dar o seguinte questionamentos aos participantes: “o que move o mundo, as

respostas ou as perguntas? ” Após a leitura do trecho e a quebra da matzá, lê-se o seguinte poema:

Quando os operários leem a história- Bertold Brecht

“Quem construiu Tebas, a das sete portas?
Nos livros vem o nome dos reis,
Mas foram os reis que transportaram as pedras?
Babilônia, tantas vezes destruída,
Quem outras tantas a reconstruiu?
Em que casas da Lima Dourada moravam seus obreiros?
No dia em que ficou pronta a Muralha da China,
Para onde foram seus pedreiros?
A grande Roma está cheia de arcos de triunfo,
Quem os ergueu?
Sobre quem triunfaram os Césares?
A tão cantada Bizâncio só tinha palácios para seus habitantes?
Até a legendária Atlântida,
Na noite em que o mar a engoliu,
Viu afogados gritar por seus escravos.

O jovem Alexandre conquistou as Índias.
Sozinho?
César venceu os gauleses.
Nem sequer um cozinheiro ao seu serviço?
Quando a sua armada se afundou,
Dizem que Filipe de Espanha chorou.
E ninguém mais?
Frederico II ganhou a guerra dos sete anos.
Quem mais ganhou?

Em cada página uma vitória,
Quem cozinhava os festins?
Em cada década um grande homem.
Quem pagava as despesas?

Tantas histórias...

Quantas perguntas... “

Questionamentos de um seder...



Você que está sentado nesta mesa deve se questionar, porque é diferente esta noite de todas as outras noites. Porque a noite de Pessach é tão especial. Porque todas as noites podemos comer verduras diversas, mas nessa somente o maror. Porque molhamos alimentos duas vezes. E podemos responder essas indagações de maneiras simples, porém complexas.

Nós fazemos tudo isso porque somos unidos, somos uma família unida, existindo dentro dessa família diversos indivíduos, como:

- ❖ Judeus que se sentem ligados pela história e cultura.
- ❖ E judeus que se sentem ligados por Deus.
- ❖ Judeus que seguem mandamentos religiosos.
- ❖ E judeus que se orientam pelos ditados de sua consciência.
- ❖ Judeus que acreditam que o Judaísmo é definido por livros sagrados.
- ❖ E judeus que vivem o judaísmo como um sentimento de pertencimento sem garantias divinas.
- ❖ Judeus que acreditam na chegada do Messias.
- ❖ E judeus que acreditam que um mundo melhor só depende de nossos atos.
- ❖ Não judeus que o destino uniu ao judaísmo, assim virando judeus.
- ❖ E não judeus que compartilham desta noite da tradição judaica.

❖ E várias outras diversidades

Como indivíduos somos parte de vários povos, comunidades, culturas, pois nenhuma pessoa nem grupo é uma ilha no oceano. Nem as culturas são universos fechados, pois se alimentam das realizações e sabedoria do conjunto da história humana. E nenhuma pertencência nos fazemos virtuosos, pois a virtude não está no grupo, mas no indivíduo, não nas palavras, mas nos nossos atos.

Em cada Pessach devemos também nos questionar sobre o que dois mil anos de história nos ensinaram sobre ser a minoria, sobre os perigos do fanatismo, sobre as consequências de deixar nossas religiões levarem os nossos rumos políticos e sobre a necessidade de uma religião possuir diversas interpretações.

Como qualquer grupo, família religião, estamos sempre com diversas lideranças; que se desertificam tanto em ideologias quanto em quantidade, e como as novas lideranças, novas maneiras de comemorar Pessach surgem, pois, o judaísmo está em constante evolução.

Existe uma frase que é bem curta, mas que possui uma ligação muito forte com o tema da evolução do judaísmo: “Se você me conhece baseado no que eu era um ano atrás, você não me conhece mais. Minha evolução é constante, permita-me apresentar novamente. ”.

Os quatros filhos... (texto adaptado de *Interpretações - Os 4 Filhos da Hagadá de Pessach* por Rodrigo Baumworcel)



A Hagadá nos traz quatro filhos, o sábio, o perverso, o tolo e o que não sabe o que perguntar, onde, cada um deles, nos traz uma forma diferente de questionar, porém todas conhecidas por nós.

Cada um desses modos de perguntar está presente em nossas vidas. Existem momentos onde somos sábios e fazemos as perguntas mais inteligentes, e momentos onde agimos feitos tolos e aceitamos sem questionar ou procurar entender. Existem também aqueles momentos

onde somos perversos e fazemos perguntas maldosas propositalmente, ou, às vezes, somos os que de tão perplexos, não sabemos como ou o que perguntar.

Não é fácil elaborar questionamentos, mas devemos sempre tentar, nem que as vezes estejamos no papel do perverso, o importante é respeitar e honrar o diálogo, que é uma característica muito importante para a cultura judaica.

Pessach, Matzá e Maror...

lesh Shloscha dvarim she'tzarich lizcor: Pessach, matza Umaror	יש שלושה דברים צריך לזקור, פסח, מצה ומרור	Existe três coisas que é preciso lembrar: Pessach, Matza e Maror.
Pessach: Shepassach hashem al batei bnei israel bemitzraim, bemitzraim	פסח: שפסח ה" אל בתי בני ישראל במצרים, במצרים	Pessach: Que “saltou” Deus pelas casas dos filhos de Israel no Egito
Matza: al shelo ispic abatzek shel avoteinu leahamitz vaifu et abatzec asher otziu mimitzraim	מצה: על שלא יספיק אבצק של אבותנו להאמיץ ויפו את אבצק אשר עוציו במצרים מרור: על שמררו המיצרים הת חיי אבותנו במצרים, במצרים	Matza: que não foi suficiente crescer a massa que pegaram do Egito Maror: que amargaram os egípcios a vida de nossos pais no Egito

Existe a tradição de dizer essas três palavras em todo seder de Pessach, como se elas representassem a “dever” de um judeu para cumprir com o Pessach. Nessa Hagadá, por ser baseada em um judaísmo humanista, trarei uma interpretação mais humanista da frase: *Pessach, Matzá Umaror*.

Pessach: O que fazemos para sobreviver; “Foi ordenado a Moisés que sacrificasse um cordeiro a molhasse as portas das famílias judaicas com seu sangue para que as casas fossem “puladas” pela décima praga no Egito.”

Matzá: O que precisamos para sobreviver; *"Nossos ancestrais não tinham tempo para deixar o seu pão subir ao fugir do Egito. A matzá nos faz lembrar de sua pressa. É o sustento mínimo que eles levaram com eles a fim de sobreviver. "*

Maror: O que precisamos lembrar para nossa sobrevivência; *"Come-se o maror para lembrar que os egípcios amarguraram a vida de nosso povo. Assim como em Pessach come-se o maror, no dia-a-dia precisamos lembrar de outros povos e outras escravidões que não as nossas, para garantir a sobrevivência do humanismo em nós. "*

Finalizando...

"Há cerca de 300 anos partiu ao novo mundo um navio chamado Mayflower; esse foi um acontecimento transcendental na história da Inglaterra e dos EUA. Gostaria de saber se existe algum inglês que sabe exatamente quando partiu esse barco; quantos norte-americanos o sabem; se alguém sabe quantos viajaram nesse barco e que tipo de pão comeram ao partir.

Porém os judeus saíram do Egito 3300 anos antes do Mayflower e todos os judeus do mundo, incluindo os dos Estados Unidos e os da União Soviética sabem exatamente o dia em que saíram: 15 de Nissan. Todos sabem exatamente que pão comeram: Matzá. "

David Bem Gurion – em discurso frente a comissão Peel.

Adaptada da Hagadá de Pessach do Habonim Dror Snif RJ 2015 e 2014, do livro "um seder para os nossos dias" por Moacyr Scliar e o texto: Interpretações - Os 4 Filhos da Hagadá de Pessach por Rodrigo Baumworcel